

Educação patrimonial em Barra de São João devires de uma coleção privada

por Maria Vittoria de Carvalho Pardal¹, Adriana Russi T. de Mello² e Ana Luiza Cordeiro de M. Barbosa³

Resumo

A coleção de Paulo Pardal e Lully de Carvalho, instalada em Barra de São João (município de Casimiro de Abreu/RJ) foi constituída ao longo de mais de 50 anos. Composta por objetos e móveis das fazendas da Região dos Lagos/RJ, moedas, instrumentos de trabalho, ex-votos, carrancas, indumentárias, armas, objetos de arte e outros tantos, muitos são reveladores da vida cotidiana de um Brasil que já não mais existe. Tais bens culturais mantêm latente informação, sentidos e valores que justificam sua categorização como patrimônio histórico e/ou artístico. Analisada e organizada para se tornar a principal ferramenta para ações educativas na área de preservação do patrimônio cultural, essa coleção é o ponto de partida de um projeto de extensão da Universidade Federal Fluminense – UFF que visa dar função social a essa coleção privada. Considera-se nesse projeto que conhecer o passado não é um fim em si mesmo, mas um meio para se pensar a transformação social e contribuir na formação de sujeitos históricos capazes de inventar seu próprio futuro. Pretende-se viabilizar um equipamento cultural que permita visitas e oficinas previamente agendadas. A aproximação do público aos objetos da coleção pode favorecer sua re-significação e provocar a compreensão e re-elaboração de seus sentidos.

Memória

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Carlos Drummond de Andrade

Em 1962 o casal Paulo Pardal e Lully de Carvalho escolheram a pequena vila de Barra de São João para a compra de um antigo casarão colonial como casa de veraneio. O péssimo estado de conservação dos casarões coloniais desta

vila, cujas belezas naturais já inspiraram poetas como Casimiro de Abreu e Carlos Drummond de Andrade, se apresentou como um bom motivo para abraçar a causa de proteger a beleza arquitetônica do local.

A 'caça às antiguidades' da região, seu restauro e conservação teve então início, assim como o registro iconográfico das paisagens e patrimônio arquitetônico locais. Inúmeras peças que permitem hoje visualizar com riqueza como se vivia e trabalhava foram sendo amealhadas e possibilitam hoje recompor um valioso quadro da vida cotidiana de um Brasil que já não mais existe, mas que sem dúvida ainda influencia nossa história. Certa vez, ao voltar de uma excursão pelas fazendas da região com objetos e móveis cujo destino seria virar lenha caso não tivessem sido comprados,

sua filha, na época com quatro anos, perguntou:

- Por que você compra tudo isso e coloca dentro de casa? Já tem tanta coisa...

- Porque algum dia nada disso existirá mais, e assim as pessoas poderão ver como as coisas eram.

Embora não entendesse bem, se contentou com a resposta. Hoje, se atordoia com a complexidade que ela suscita.

As formas vivas adoecem, envelhecem, morrem. Artrites, reumatismos, paradas cardíacas. Os objetos, duráveis e sem vida, transcendem aos homens, mortais e transitórios, desde que estes, em suas curtas vidas, os conservem. A rapidez, porém, com que as formas vivas se apoderam das inanimadas é espantosa: brocas, cupins, musgo,

capim... O grande desafio, portanto, consiste em conseguir organizar uma sucessão de seres mortais interessados em conservar e manter as coisas inanimadas.

Se analisarmos o surgimento do colecionismo após o fim da idade média perceberemos que entre outros motivos estava o declínio da crença na vida eterna. O homem passa então a precisar de outras formas para vencer a finitude da morte. Se perpetuar nas coisas, mantendo-as conservadas, passou a ser uma possibilidade de ligar o visível, presente, com o invisível, ausente.

De fato, estranhamente, as coisas inanimadas, que dependem inteiramente do homem para existir, são capazes de superá-lo no tempo e perpetuá-lo na morte. Mas, preservar também é um ato político. Preservar o que? Para que? De que? O que deve ser lembrado pelas futuras gerações? O que deve ser esquecido? Quais os critérios desta seleção?

Nos últimos seis anos, após o falecimento de Paulo Pardal, aquela menina curiosa de quatro anos vem exercitando a difícil arte de preservar sua coleção. Sem dúvida, este passa a ser um grande desafio para aqueles que, preocupados com a preservação de um patrimônio cultural arduamente organizado por um colecionador, se dispõem a atribuir-lhe uma função social após o falecimento de seu ide-

alizador.

Paulo José Pardal nasceu em Niterói em 1928. Já na adolescência começou a demonstrar o fascínio pela organização de coleções que de alguma forma valorizassem as riquezas deste vasto país. Engenheiro, professor de estatística da UFRJ, Paulo Pardal passou a se dedicar à questão com meticulosidade cartesiana. A possibilidade de percorrer durante décadas todo o Brasil, ministrando seminários sobre produtividade industrial e simplificação do trabalho permitiu-lhe o contato pessoal com inúmeras manifestações de nossa arte popular. Destas, a primeira que se destacou foi sem dúvida a singularidade das carrancas do médio São Francisco.

Além de pesquisar e escrever artigos e um livro de referência sobre o tema, Paulo Pardal organizou a maior coleção de carrancas já vista e não poupou esforços em divulgar, nacional e internacionalmente, esta manifestação de arte popular tão genuinamente brasileira.

Suas viagens pelo Brasil, entretanto, tornaram possível além do contato com as carrancas, a organização de uma vasta coleção de arte popular de diferentes artistas e regiões brasileiras. Peças de profunda originalidade, surgidas do barro ou das madeiras brasileiras, foram ao longo de mais de 50 anos sendo adquiridas e estudadas. Não poderia faltar, ao

seu interesse de colecionador, a aquisição e também estudo dos ex-votos brasileiros e de nossa tão representativa arte sacra.

Pensar a cultura brasileira remetia, necessariamente, a pensar as culturas que ajudaram a formar o amálgama cultural deste país. Neste sentido, suas peças de arte africana nos apontam os alicerces sobre os quais nossa arte popular se apoiou por tantos séculos.

Em Barra de São João, Paulo Pardal encontrou um singular morador, Chico Tabibuia, negro, pobre, analfabeto e culto, cujas esculturas – ousadamente eróticas, algumas monumentais, com até 4 m de altura – dali saíram para mostras, individuais e coletivas, no Brasil e no estrangeiro. A força de suas peças tem, atualmente, reconhecimento internacional.

Anna Luiza Torres de Carvalho Pardal, Lully de Carvalho, como sempre se apresentou, nasceu no Rio de Janeiro também em 1928. Desde pequena sentia que a pintura seria seu universo, apesar da forte oposição do pai, para quem o universo artístico não era coisa para uma moça “de família”.

Em 1945, aos 16 anos, a moça rebelde, com o apoio da mãe, pianista laureada, e do avô materno que passou a acompanhá-la em todas as atividades artísticas ingressou no curso de pintura para moças da então diretora da ENBA, Georgina de Albuquerque. Em

1946 a futura artista estudou desenho com Osvaldo Teixeira e em 1947, pintura com Carlos Chambelland. Neste último ano, ousou inscrever-se no Salão Nacional de Belas Artes, então templo da pintura – acadêmica e moderna - no Rio, onde não havia galerias e poucos eram os locais para exposições. Apesar da seleção rigorosa teve seu trabalho em pastel aceito. Logo em 1948 alcançou menção honrosa no Salão Nacional de Belas Artes e fez uma exposição na Associação Brasileira Imprensa.

Em 1955 alcançou a grande vitória: o prêmio de viagem ao estrangeiro do Salão Nacional de Belas Artes, tendo sido a primeira mulher brasileira a usufruir deste prêmio. Um ano em Paris, na Academia Grande Chaumière, estudando com Henry Goetz, Ives Brayer, Mac Avoy.

Nas décadas de 1960 e 1970, Lully pintou dezenas de paisagens de Barra de São João e arredores, tendo realizado importante registro iconográfico da região naquele período.

A coleção de objetos, arte popular e pinturas que se encontra abrigada no antigo casarão colonial em Barra de São João é testemunho de uma época, fruto de um trabalho meticuloso e obstinado de um colecionador e de sua esposa pela valorização e preservação do patrimônio cultural brasileiro.

A palavra patrimônio tem raiz latina, patrimonium,

usada entre os antigos romanos na referência a tudo o que pertencia ao pai. A noção de patrimônio cultural, como usado na atualidade, é bastante extensiva e aplica-se a bens móveis e imóveis, materiais e imateriais, natural, genético etc. Muitos autores indicam em seus estudos as inúmeras modificações que o conceito patrimônio bem como a legislação de preservação sofreram ao longo da história ocidental (Funari e Pelegrini, 2006; Silva, 2003; Lemos, 2006; Fonseca, 2005, Castriota, 2009).

No contexto das políticas públicas nacionais voltadas à preservação do patrimônio, cabe destacar a recém lançada Política Nacional de Museus que entende o museu como lugar de memória e cidadania e busca promover a preservação e fruição do patrimônio cultural brasileiro, representativo da diversidade cultural do país. Ela indica que através do contato com objetos é possível despertar no indivíduo reflexões sobre o universo simbólico neles encerrado.

Para José Reginaldo Gonçalves (2009) a categoria “colecionamento” sintetiza, de certa maneira, o processo de formação de patrimônios, entendidos modernamente como coleções de objetos móveis e imóveis, apropriados e expostos por determinados grupos sociais.

Como, porém, viabilizar que a coleção de Paulo Pardal e Lully de Carvalho, represen-

tativa de um patrimônio cultural, seja preservada e passe a ter uma função social?

A possibilidade de tornar este objetivo exequível se deu a partir da criação de um Projeto de Extensão na Universidade Federal Fluminense – UFF. Desta forma, professores, assim como alunos, passaram a contribuir ativamente com este objetivo. Cabe aqui destacar a importância da contribuição teórica da professora Lygia Segalla, a possibilidade de criação de um campo de estágio para o curso de Produção Cultural e a existência de bolsas de extensão para alunos envolvidos.

O Projeto de Extensão considera que conhecer o passado, nossas formas anteriores de inventar a vida, não é, entretanto, um fim em si mesmo. O conhecimento do passado é, antes de tudo, um pretexto, um meio através do qual é possível pensar a transformação social e construir sujeitos históricos capazes de inventar seu próprio futuro. Ao conhecer e aprender a preservar o patrimônio, nos tornamos capazes de inventar novos futuros em que política e poética caminhem juntas na busca de uma sociedade mais democrática e justa. O objetivo centra-se na elaboração de uma proposta metodológica que contemple um conjunto de ações processuais e contínuas, de caráter educativo, social e cultural.

Em geral “mudos” e protegidos do acesso público, os

bens culturais privados guardam “a sete chaves”, para a maioria da população, as informações, sentidos e valores que teriam justificado sua inclusão como patrimônio histórico e/ou artístico. O projeto pretende aproximar a comunidade dos objetos que constituem a coleção de Paulo Pardal e Lully de Carvalho para que esses bens culturais sejam re-significados e assim permitam a compreensão e re-elaboração de seus sentidos.

Em 2009 foi possível o arrolamento de 1.200 peças do acervo composto por cerca de 2.000 objetos entre mobílias, moedas, instrumentos de trabalho, ex-votos, indumentárias, armas, objetos de arte e outros tantos. Essa coleção vem sendo analisada e organizada visando se tornar a principal ferramenta para ações na área da educação patrimonial. Uma coleção privada que se pretende disponível ao público com vistas a atividades que motivem seus participantes a um processo ativo de valorização de sua herança cultural.

Para a organização do acervo e definição do sistema de numeração mais apropriado, foi feita análise do acervo e sua relação com os objetivos do projeto. A utilização do acervo, que é bastante diverso, se destina a atividades educacionais de preservação de patrimônio com diferentes abordagens e temas.

O levantamento considerou as seguintes informações

sobre cada objeto: o cômodo da casa em que está localizado, a coleção a que pertence, o nome, a temática em que se enquadra, o material e, se necessário, uma observação (por exemplo: se o objeto está precisando de restauro). Também foi estabelecido para cada objeto um número de inventário (corrido e somente numérico) e um número de registro (tripartido, alfanumérico, que informa o local e a coleção do objeto). Todas as informações são anotadas em uma planilha e serão incluídas no banco de dados informatizado. Cada objeto possui uma etiqueta de identificação, informando o número de inventário (NI) e o número de registro (NR).

O detalhamento dos objetos que constituem o acervo, ainda em fase inicial, consiste no estudo da história desses objetos e na identificação de elementos e características que permitam desdobramentos para ações educativas.

As peças foram categorizadas em 10 temáticas: Ofícios da Terra, História Familiar, Barra de São João Antiga, Transformações dos Afazeres Domésticos, Transformações da Luz, Transformações do som, Transformações das Possibilidades de Uso da Água, Transformações do Mobiliário, Transformações da Medição do Tempo, Peso e Espaço.

Foram identificadas ainda 23 coleções distintas: Armas, Munição, Desenho, Escultura, Estampa, Pintura, Gravura, Ob-

jetos Pecuniários, Construção, Acessórios de Interiores, Mobiliário, Utensílio Doméstico, Equipamentos de Trabalho, Insígnias, Comunicação, Documentos, Transporte, Castigo/ Penitência, Medição, Artesanato, Porcelana, Amostras/ Fragmentos e Instrumentos Musicais.

Para a organização da coleção foi necessária a criação de um banco de dados informatizado que permite acesso rápido e seguro às informações. O sistema de gerenciamento do banco de dados criado tem como objetivo principal ser uma plataforma computacional que permita acesso rápido e seguro aos dados do acervo. A partir de um navegador Web, o usuário do sistema pode visualizar detalhes sobre uma peça, tais como fotografia, história, dimensões, material, estado de conservação, entre outros. O sistema permite que o administrador cadastre, exclua e altere peças. É possível também obter diversos tipos de relatórios, como por exemplo, o relatório das peças que necessitam de restauro.

Está sendo elaborada uma proposta metodológica na área de preservação do patrimônio cultural de caráter educativo. Considerando que o presente projeto empregará a concepção pedagógica de Trabalho por Projetos cabe então assinalar que tal metodologia visa capacitar o aluno a estabelecer relações entre as diferentes áreas do saber,

possibilitando-lhe criar novos conhecimentos a partir das informações dadas. Tem como objetivo tornar a aprendizagem um processo significativo e prazeroso, envolvendo o aluno numa busca ativa de conhecimentos e fontes de informação. Busca um ensino integrado, globalizado e contextualizado que estabeleça relações entre os conteúdos das disciplinas e os contextos culturais, os conhecimentos prévios e a vida, atendendo à necessidade de realizar uma nova conexão entre teoria e prática e promovendo um saber relacional. Além dessa abordagem metodológica empregaremos a metodologia da Educação Patrimonial de forma a adaptá-la, construindo uma metodologia de trabalho condizente às características do acervo e propostas do projeto. Participarão das atividades grupos pequenos, de no máximo 30 pessoas, em visitas previamente agendadas, que se subdividirão para a realização de diferentes oficinas tanto no interior, quanto nos jardins da casa. As oficinas procurarão trabalhar as diferentes temáticas do acervo através de diferentes linguagens: plástica, literária, teatral, musical, etc.

Há ainda uma preocupação voltada para a formação continuada de educadores locais. Posteriormente ao processo de organização e sistematização da coleção faz-se necessário uma instrumentalização dos professores na área de preservação de patrimônio

cultural. Com isso pretende-se que os educadores possam, a partir de recortes temáticos da coleção, trabalhar com seus alunos em diferentes atividades e/ou conteúdos. Dessa maneira, seria possível recompor um valioso quadro da vida cotidiana de um Brasil que já não mais existe, mas que sem dúvida ainda influencia nossa história.

As atividades do projeto vêm sendo correlacionadas com o Curso de Produção Cultural, através de estudo de caso para concepção de um equipamento cultural, permitindo aos alunos uma intervenção prática na implementação de uma ação cultural local. Alunos da Faculdade de Educação da UFF irão eleger para a realização de monografias a elaboração de materiais educacionais e jogos educativos a partir dos recortes temáticos do acervo para serem utilizados nas oficinas de educação patrimonial.

Por fim, possibilitar o acesso público a uma coleção privada, nesse caso a coleção de Paulo Pardal e Lully de Carvalho, visa contribuir no processo de democratização cultural. Espera-se que as ações educacionais centradas a partir dos objetos da coleção permitam experiências significativas e estimuladoras de processos sociais de produção de sentidos, significados e funções a eles associados ■

NOTAS:

- 1 Professora Associada da Universidade Federal Fluminense/ Faculdade de Educação/ Laboratório de Educação Patrimonial.
- 2 Professora Assistente da Universidade Federal Fluminense/ Pólo Universitário de Rio das Ostras/ Curso de Produção Cultural.
- 3 Aluna do Curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense/ Pólo Universitário de Rio das Ostras.
- 4 Distrito do município de Casimiro de Abre/RJ.
- 5 PARDAL, Paulo. Carrancas do São Francisco. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- 6 Integram o projeto de extensão a Faculdade de Educação – FEUFF, o Laboratório de Educação Patrimonial – LABOEP, coordenado pela professora Lygia Segalla e o curso de Produção Cultural do Pólo Universitário de Rio das Ostras – PURO/UFF.

REFERÊNCIAS:

- CASTRIOTA, Leonardo B. Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte, IEDS, 2009.
- FUNARI, Pedro e PELEGRINI, Sandra de C. Patrimônio histórico e cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- HERNÁNDEZ, F.& MONTSERRAT, V.. A Organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- LEMONS, Carlos A.C. O que é patrimônio histórico. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PARDAL, Paulo. Carrancas do São Francisco. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SILVA, Fernando F. As cidades brasileiras e o patrimônio cultural da humanidade. São Paulo: Peirópolis: EDUSP, 2003.
- GONÇALVES, José Reginaldo S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mario (Org.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.